

A Produção do Conhecimento Geográfico

3

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2018

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)

A Produção do Conhecimento Geográfico 3

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento geográfico 3 [recurso eletrônico] /
Organizadora Ingrid Aparecida Gomes. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2018. – (A Produção do Conhecimento
Geográfico; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-80-2

DOI 10.22533/at.ed.802181211

1. Ciências agrárias. 2. Percepção espacial. 3. Pesquisa agrária
– Brasil. I. Gomes, Ingrid Aparecida. II. Série.

CDD 630

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “A Produção do Conhecimento Geográfico” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, apresenta, em seus 15 capítulos, discussões de diferentes vertentes da Geografia humana, com ênfase na epistemologia e gênero. A Geografia humana engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas atuais. Esta ciência geográfica estuda as diversas relações existentes (sociais, gênero, econômicas e ambientais), no desenvolvimento cultural e social.

A percepção espacial possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes de induzir mudanças de atitudes, resultando na construção de uma nova visão das relações do ser humano com o seu meio, e, portanto, gerando uma crescente demanda por profissionais atuantes nessas áreas.

A ideia moderna da Geografia humana, refere-se a um processo de mudança social geral, formulada no sentido positivo e natural, temporalmente progressivo e acumulativo, segue certas regras e etapas específicas e contínuas, de suposto caráter universal. Como se tem visto, a ideia não é só o termo descritivo de um processo, e sim um artefato mensurador e normalizador das sociedades, tais discussões não apenas mais fundadas em critérios de relação de trabalho, mas também são incluídos fatores econômicos, naturais, tecnológicos e gênero.

Neste sentido, este volume dedicado a Geografia humana, apresenta artigos alinhados com a epistemologia e o gênero. A importância dos estudos geográficos dessas vertentes, é notada no cerne da ciência geográfica, tendo em vista o volume de artigos publicados. Nota-se também uma preocupação dos geógrafos em desvendar a realidade dos espaços escolares.

Os organizadores da Atena Editora, agradecem especialmente os autores dos diversos capítulos apresentados, parabenizam a dedicação e esforço de cada um, os quais viabilizaram a construção dessa obra no viés da temática apresentada.

Por fim, desejamos que esta obra, fruto do esforço de muitos, seja seminal para todos que vierem a utilizá-la.

Ingrid Aparecida Gomes

SUMÁRIO

PANORAMAS TEÓRICO-METODOLÓGICOS EM GEOGRAFIA HUMANA

CAPÍTULO 1	1
REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS: A ESCALA DIALÉTICA UNIVERSAL – PARTICULAR–SINGULAR NO CONTEXTO DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO ¹	
Átila de Menezes Lima	
João César Abreu de Oliveira Filho	
CAPÍTULO 2	13
A CONCEPÇÃO DE MÉTODO EM RICHARD HARTSHORNE	
Wesley de Souza Arcassa	
CAPÍTULO 3	28
A IMPORTÂNCIA DA CONEXÃO KANT-HETTNER-HARTSHORNE À HISTÓRIA DA GEOGRAFIA	
Wesley de Souza Arcassa	
CAPÍTULO 4	44
O HORIZONTE HUMANISTA NA GEOGRAFIA E A FENOMENOLOGIA: O PROBLEMA DA “FENOMENOLOGIA GEOGRÁFICA”	
Josimar Monteiro Santos	
Luís Carlos Tosta dos Reis	
CAPÍTULO 5	53
OS CAMINHOS DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO: DA ANTIGUIDADE AO SÉCULO XXI.	
João Henrique Santana Stacciarini	
Laira Cristina da Silva	
CAPÍTULO 6	60
UMA ANÁLISE EPISTEMOLÓGICA DO DISCURSO CIENTÍFICO DA GEOGRAFIA E A PROBLEMÁTICA ECONÔMICA DO ESPAÇO: BASES FILOSÓFICAS, ECONÔMICAS E SOCIAIS ¹	
Mariza Ferreira da Silva	
Luis Lopes Diniz Filho	
CAPÍTULO 7	71
PERSPECTIVAS EPISTÊMICAS NOS ESTUDOS GEOGRÁFICOS CONTEMPORÂNEOS.	
Jacy Bandeira Almeida Nunes	
Antônio Carlos Vitte	
CAPÍTULO 8	80
CRÍTICO E CONSERVADOR: UMA ANÁLISE DE OS <i>PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS</i> DE YVES LACOSTE	
José Arnaldo dos Santos Ribeiro Junior	

CAPÍTULO 9	91
PERCEÇÃO DO ESPAÇO E A PAISAGEM: UM DIÁLOGO ENTRE AS GEOGRAFIAS CRÍTICA E HUMANISTA	
Gabriel Augusto Coêlho de Santana Rodrigo Dutra Gomes	
CAPÍTULO 10	101
A CIDADE DAS MULHERES FEMINISTAS: UM ESTUDO SOBRE GOIÂNIA (GO)	
Talita Cabral Machado	
CAPÍTULO 11	111
IGUALDADE DE OPORTUNIDADES NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO SOB UMA PERSPECTIVA ESPACIAL	
Geórgia Fernandes Barros Ana Maria Hermeto Camilo de Oliveira Pedro Vasconcelos Maia do Amaral	
CAPÍTULO 12	130
A PERCEÇÃO DAS MULHERES QUILOMBOLAS SOBRE OS ESPAÇOS VIVIDOS NAS COMUNIDADES MOURA E BOA VISTA, ORIXIMINÁ-PA: UMA ANÁLISE DE GÊNERO.	
Maria Consuêlo Moreira	
CAPÍTULO 13	139
A LUTA E RESISTÊNCIA DAS LIDERANÇAS FEMININAS DO MNLM NA OCUPAÇÃO NOVA SANTA MARTA NO MUNICÍPIO DE SANTA MARIA-RS	
Ana Justina da Fonseca Ziegler Benhur Pinós da Costa	
CAPÍTULO 14	149
TERRITÓRIO E GÊNERO NO CERRADO GOIANO: OS SABERES TRADICIONAIS DAS MULHERES CERRADEIRAS E SUAS RESISTÊNCIAS DIANTE DA EXPANSÃO CAPITALISTA	
Josie Melissa Acelo Agrícola Evandro César Clemente Nestor Persio Alvim Agrícola	
CAPÍTULO 15	159
“É A ÁGUA DO RIO QUE A GENTE USA PRA TUDO”: AS MULHERES RIBEIRINHAS DA COMUNIDADE DE NAZARÉ-RO E A RELAÇÃO COM AS ÁGUAS DO RIO MADEIRA	
Rúbia Elza Martins de Sousa Rita de Cássia Evangelista dos Santos	
SOBRE A ORGANIZADORA	168

A PERCEPÇÃO DAS MULHERES QUILOMBOLAS SOBRE OS ESPAÇOS VIVIDOS NAS COMUNIDADES MOURA E BOA VISTA, ORIXIMINÁ-PA: UMA ANÁLISE DE GÊNERO.

Maria Consuelo Moreira

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de Rondônia – IFRO
Vilhena - Rondônia

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo principal apresentar reflexões acerca das percepções das mulheres quilombolas em relação aos espaços vividos nas Comunidades Moura e Boa Vista, em Oriximiná, Pará. A pesquisa a qual fomentou o desenvolvimento desse artigo deu-se por meio de um trabalho de campo, realizado durante a II Expedição Amazônica ao estado do Pará, promovida pelo Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Geografia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), no período de 22 de julho a 10 de agosto de 2014. Como informantes, contamos com algumas mulheres que residem nas Comunidades Quilombolas de Moura e Boa Vista, Oriximiná-PA. O estudo realizado apontou a existência de vínculos identitários construídos por meio da experiência cotidiana dessas mulheres com o lugar em que vivem. Os sentimentos de afeições e pertencimento apontam o quanto se encontram enraizadas, culturalmente, ao lugar, demonstrado por meio das crenças em suas lendas locais ou por fazer parte dos festejos culturais da comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia Cultural;

Gênero; Percepção.

ABSTRACT: The present article has as main objective to present reflections on the perceptions of the quilombola women in relation to the spaces lived in the Moura and Boa Vista Communities, in Oriximiná, Pará. The research that fomented the development of this article occurred through a work of field course, held during the II Amazon Expedition to the state of Pará, promoted by the Graduate Program (Master's) in Geography of the Federal University of Rondônia (UNIR), from July 22 to August 10, 2014. As informants, we have some women who live in the Quilombola communities of Moura and Boa Vista, Oriximiná-PA. The study pointed to the existence of identity bonds built through the daily experience of these women with the place in which they live. The feelings of affection and belonging indicate how deeply they are culturally rooted in the place, demonstrated through the beliefs in their local legends or because they are part of the cultural celebrations of the community.

KEY-WORDS: Cultural geography; Gender; Perception.

1 | INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo principal apresentar reflexões acerca das

percepções das mulheres quilombolas em relação aos espaços vividos nas Comunidades de Moura e Boa Vista, em Oriximiná, estado do Pará. A pesquisa a qual fomentou o desenvolvimento desse artigo deu-se por meio de um trabalho de campo realizado durante a II Expedição Amazônica, esta promovida pelo Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Geografia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), no período de 22 de julho a 10 de agosto de 2014.

Dessa forma, buscou-se desenvolver uma pesquisa dentro da perspectiva da Geografia Cultural, sob a ótica da análise de gênero, na pretensão de se refletir, sob um aparato teórico/conceitual desenvolvido por geógrafos para conhecer como essas mulheres percebem os espaços em que vivem.

2 | DISCUSSÃO

2.1 A Geografia Cultural e as abordagens de gênero enquanto categoria de análise: aspectos conceituais

A geografia cultural alicerça-se “no estudo do espaço no âmbito da geografia humanista considerando os sentimentos espaciais e as ideias de um grupo ou povo sobre o espaço a partir da experiência” (TUAN, 1979 *Apud* CORRÊA, 2003, p. 30). Portanto, o conceito da categoria *lugar* ganha destaque porque faz parte da percepção e vivência do indivíduo por um longo período de tempo, enquanto o conceito de espaço adquire o significado de espaço vivido, seja individual ou grupal, podendo ser vivido ou experienciado. Para tanto,

O espaço vivido deve, portanto, ser compreendido como um espaço de vida, construído representado pelos atores pelos atores sociais que circulam neste espaço, mas também vivido pelo geógrafo que, para interpretar, precisa penetrar completamente este ambiente. Cada geógrafo deve possuir “sua” região, “seu” espaço, e a proximidade física e afetiva são elementos fundamentais nessa conduta (GOMES, 2005, p. 319).

O espaço de vida faz parte daquilo que é vivenciado pelo indivíduo e dotado de experiências, contudo, o sujeito enseja uma representatividade simbólica naquele espaço vivido, no qual são manifestados por meio de sua percepção.

Bollnow (2008) traz a luz da discussão o conceito de espaço vivido contrapondo-se ao conceito de espaço abstrato abordado pela matemática e física, sendo este espaço matemático mensurável em suas dimensões de fundamental importância para o conhecimento racional e seus mais diversos fins, o espaço vivido encontra-se intimamente relacionado com a vida humana concreta, ou seja, trata-se da relação que surge entre os seres humanos e seu espaço.

Assim, o conceito de espaço nas relações de gênero é importante para as ciências sociais e ao longo do tempo vem ganhando relevância para a geografia e também para os geógrafos, pois surge em um contexto em que há um grande enfoque para a

valorização e humanização do indivíduo, instigando o fortalecimento dos discursos e dos movimentos sociais eclodidos.

Foi o que aconteceu com a geografia feminista, originada a partir da década de 1970 (LOPES, 2013). Esse evento foi o início de reivindicações e lutas pela inclusão e igualdades de direitos na sociedade. As mulheres eram privadas de várias participações em diferentes instâncias da vida pública e civil, sendo que, a partir daí, a igualdade entre os sexos masculino e feminino foram manifestadas, mas foram lutas que foram construídas no decorrer da história. Segundo Lopes (2013, p. 33), “as relações de gênero estão passíveis de serem inseridas, pois fazem parte das relações sociais, sendo cultural e tradicionalmente construídas”.

As interações cotidianas difundidas entre homens e mulheres são caracterizadas por meio de relações de poder, possuindo interesses e aspirações diferenciadas a cada classe e estimulam a construção de novas espacialidades nas condições de gênero. Conforme Claval (1999), cada indivíduo constrói aquilo que lhe é útil, evidenciando ao mesmo tempo semelhanças e diferenças entre indivíduos próximos ou não, através de estudos dos espaços dos homens e do papel das mulheres e da construção cultural dos sexos.

Por conseguinte, nas relações de gênero e na geografia cultural, deve-se considerar o contexto social, pois a dinâmica e o processo estão presentes em cada cultura e, fundamentalmente, em cada realidade. Cada mulher se adequa a sua determinada realidade. Elas possuem certa peculiaridade na sua representatividade simbólica, porque as relações preexistentes manifestadas no espaço são construídas por meio de suas vivências e experiências.

2.2 As relações de gênero no contexto da Geografia Cultural

A discussão assistida no âmbito da ciência geográfica na contemporaneidade sobre as relações de gênero e o papel da mulher na sociedade ainda se encontram muito restrita, mesmo sabendo das inúmeras pesquisas realizadas acerca desta temática. É importante não somente pensar a diferenciação preexistente entre os espaços vividos pelos sexos masculino e feminino, mas promover uma profunda reflexão da condição exercida pela mulher no meio social e as relações de gênero como categoria de análise da geografia.

As interações que se arrolam nesse processo promovem uma segregação socioespacial, tanto no meio rural, como no meio urbano, porém constroem e produzem novas unidades e formas espaciais. A geografia é a ciência das relações sociais, portanto, esta é concebida como uma ciência humanística, palco de múltiplas singularidades e particularidades construtoras novas espacialidades.

Para o aprofundamento dessa temática nos fundamentamos em Yi-Fu Tuan (1976), sendo que o lugar ganha destaque nessa discussão, sendo considerado como um dos conceitos mais importantes da corrente Humanística, juntamente com o de espaço, pois as relações dos sujeitos com seu lugar são percebidas por meio de

experiências e as vivências dos indivíduos que constroem para si múltiplas identidades.

As noções de espaço e lugar surgem como muito importantes para esta tendência geográfica. O lugar é aquele em que o indivíduo se encontra ambientado no qual está integrado. Ele faz parte do seu mundo, dos seus sentimentos e afeições; é o “centro de significância ou um foco de ação emocional do homem”. O lugar não é toda e qualquer localidade, mas aquela que tem significância afetiva para uma pessoa ou grupo de pessoas (SOUZA, et. al, 2009, p. 5).

Para os geógrafos humanistas, há extrema necessidade de valorizar as experiências singulares ou grupais dos indivíduos, partindo do pressuposto da forma de sentir das pessoas em relação aos seus lugares.

Essas características apresentadas pela Geografia Humanística estão relacionadas na forma de ser, agir e sentir das pessoas que se encontram enraizadas nos seus lugares. O lugar aqui passa ter tamanho significado para o indivíduo, fazendo parte do seu cotidiano e das suas afeições e sentimentos, culminando em uma identidade de pertencimento.

As relações de gênero, dadas como representações sociais, podem ser avaliadas como categorias que interferem na construção deste, pois homens e mulheres são diferenciados não só biologicamente, mas também culturalmente, fator que implica em diferentes formas para construção de lugares, pois cada um tem a sua percepção de espaço, assim sendo seus comportamentos se tornam diferenciados. Por esse motivo, o estudo das relações de gênero como forma de relações sociais que ocorrem nos espaços sociais se torna uma importante ferramenta de análise para a ciência geográfica. Porém, nesta, ainda há uma invisibilidade dessas abordagens conceituais (LOPES, 2013, p. 27-28).

O estudo das relações de gênero no âmbito da ciência geográfica implica perceber os estereótipos que são construídos historicamente e, principalmente socialmente, pois é importante dar a ênfase para a forma em que está organizado do espaço, fazendo alusão de que os setores não devem ser ocupados somente por pessoas do sexo masculino ou do sexo feminino, mas que tais espaços sejam ocupados de acordo com as relações e necessidades nele manifestado, construtora de identidades representativa e simbólica. As interações devem ocorrer de acordo com a percepção dos indivíduos e com as experiências por eles vivenciadas para a (re)produção do espaço.

O aprofundamento das discussões nas relações de gênero em uma dimensão socioespacial, busca maior equidade social entre os indivíduos do sexo masculino e feminino, além de dar enfoque teórico-metodológico para a construção do papel das mulheres e sua visibilidade no espaço.

3 | METODOLOGIA

A referida pesquisa deu-se no local, comunidades quilombolas, no dia 24 de julho de 2014, onde utilizamos entrevistas como instrumentos para a coleta de informações. Como informantes, contou-se com mulheres que residem nas comunidades quilombolas supracitados.

Boa Vista é uma das 31 (trinta e uma) comunidades quilombolas da região de Oriximiná, Estado do Pará. Situada na região do Alto Trombetas, o lugar é recanto de remanescentes de quilombos e guarda na sua memória e nos costumes, a tradição de um povo oriundo de escravos fugitivos que chegaram por essas terras em busca de liberdade. A comunidade Boa Vista, por meio da ARQMO (Associação de Remanescentes de Quilombos de Oriximiná), também deixou a sua marca na história brasileira ao conquistar em 1995 o primeiro título de terra quilombola concedido no país.

A partir de uma abordagem fenomenológica, o indivíduo é entendido no mundo por meio de sua essência e percepção, sendo fundamental valorizar as experiências a fim de organizar o espaço e nele se relacionar. Como informantes, contamos com mulheres quilombolas que residem em Moura e em Boa Vista, Oriximiná-PA.

4 | RESULTADOS

4.1 Breves Relatos

Aproximar-se das mulheres quilombolas a fim de se obter o que objetivávamos, ou seja, relatos e declarações de suas experiências vividas em seus lugares, era sempre acompanhado de uma certa cautela, sutileza e extremo respeito e importância as suas falas.

A cada conversa, um aprendizado diferente, a cada relato um enriquecedor e mágico momento. Suas falas, seus gestos, suas experiências, nos mostrando um mundo por traz da lente das suas descrições. A riqueza com a qual descrevia sobre o seu espaço vivido, o seu lugar, o seu abrigo, nos enchia de um aprendizado que a academia e os livros ainda não havia nos ensinado.

Segue relatos e depoimentos de algumas mulheres das comunidades Moura e Boa Vista das regiões quilombolas de Oriximiná, Pará.

Entrevistada 1: Comunidade Moura

Elisangela

Tímida, sorriso contido, porém com olhar expressivo e profundamente atento a toda a movimentação do grupo no local. Sempre rodeada pelos seus filhos, Elisângela tem 29 anos é casada e tem 6 filhos. Ela é sobrinha do senhor José, um tipo de líder da Comunidade Moura, porém a mesma com seu esposo e filhos não moram nesta comunidade. Sutilmente fui aproximando-me dela para que pudéssemos ter um diálogo e uma conversa informal e aos poucos ela foi sentindo-se mais à vontade para falar da sua vida, permitindo logo depois me ceder uma entrevista e gravar essa nossa conversa. Com uma voz suave e educada, contou-me que estava na Comunidade Moura passando alguns dias devido as férias dos seus filhos. Conforme sua fala,

somente os dois menores não estudam porque ainda não estavam na idade adequada. Falamos sobre seus estudos, onde a mesma lamentou não ter dado continuidade, a mesma afirma que pretende um dia voltar a sala de aula, para se sentir melhor consigo.

Em sua fala demonstrou muito apego ao lugar onde mora, disse que quando vai à cidade (Oriximiná-PA) logo quer retornar, onde ao ser questionada sobre a possibilidade de ir morar na cidade a mesma afirma seguramente que não tem esse desejo. A sua relação com a floresta demonstra ser muito intensa quando afirma que aprendeu com a mãe e avôs a usar a medicina natural. Diz que quase não leva seus filhos para o hospital de Porto Trombetas (mineradora RIO NORTE), afirma que quando necessita retira das plantas da natureza e lá mesmo onde mora trata das enfermidades dos seus filhos, curando-os assim como os fez os seus antepassados.

Quando me refiro aos medos que ela possa ter em relação ao lugar onde mora, ou seja, dentro da mata, a margem de um rio tão grande, ela não titubeia em afirmar que tem sim medo dos filhos se afogarem no rio, como também teme o boto, principalmente por medo dele virar o barco. Ao falarmos sobre as lendas e mitos que possam existir no lugar, ela afirma que há algumas que são repassadas de pai para filho. Relatou um fato que, conforme a mesma, ocorreu com seu tio. Disse que o seu tio era muito conhecedor da mata e que um certo dia foi “enfeitiçado” pelo curupira, ficando ele perdido em plena selva. Quando pergunto o porquê de isso ter acontecido ela afirma que isso sempre ocorre quando o curupira não gosta da pessoa. Finalizamos nosso caloroso papo com seus filhos sempre próximos a nós e ela já bem mais à vontade e sorridente.

Ao sairmos no barco, emocionei-me ao ver aquela mulher aparentemente frágil, de estatura baixa, porém de uma personalidade forte e segura no que diz, segurando uma criança nos braços e as demais ao seu redor, acenando para nós. Um adeus e uma despedida de um encontro que nos foi de um significado indescritível.

Entrevistada 2: Comunidade Boa Vista

Neti

Mulher simpatia, educada e de sorriso largo, mesmo com sua filhinha as vezes chorando no colo, Neti foi extremamente atenciosa, respondendo a todas as perguntas com muita satisfação. Ela é filha do seu Francisco Colé, conhecido como “Seu Colé”, é um artista ribeirinho que mora na Comunidade de Boa Vista, é cantor e compositor e em suas músicas apresenta o regionalismo do lugar, descrevendo sobre os bichos típicos da região como boto, macaco, tamanduá, etc. em sua maioria ao ritmo do carimbó.

Neti nasceu na Comunidade de Boa Vista, onde com orgulho afirma ser a sua comunidade a primeira no Brasil a receber o título de terra quilombola em 1995. Ao perguntar sobre sua relação com o lugar, ela afirma ser muito intensa, “a gente viaja, mas logo volta, até por que nosso parentesco é muito grande, somos quase todos

parentes.” Afirma ela. De acordo com a mesma, a vida agitada e a correria na cidade a incomoda, deixando-a estressada, um dos motivos que a faz gostar tanto do lugar em que ela vive seria justamente a tranquilidade que falta nas cidades. Diz que pretende criar seus filhos na Comunidade, porém deseja que eles estudem e façam faculdade em algum outro lugar.

Quando questionada sobre a vontade que tem de sair de lá, diz que as vezes pensa sim por causa de trabalho, em busca de melhores condições de vida, porém afirma que o Projeto Trombetas da Mineradora Rio Norte dá muita assistência seja educacional e hospitalar para a Comunidade. Ainda se referindo a mineradora, diz que já trabalhou lá e que teve que sair para cuidar dos filhos, mas o esposo dela ainda trabalha como “encarregado de campo”.

Ao falarmos sobre as festividades da Comunidade, Neti diz que na Comunidade há várias atividades culturais ao longo do ano, como danças, teatros, principalmente no mês de novembro quando há comemoração do padroeiro São José, um período de muita festa, alegria e diversão tanto para os adultos como para crianças. Pergunto se ela participa das atividades festivas, ela afirma que sim, dança carimbó, neguinha d’angola e outras danças.

Sobre os medos que assola essa mulher, é mais em relação a proteção dos filhos, como medo de cobras, jacarés e arraias, animais que vivem no rio ou próximos a ele. Relata também sobre os mitos e lendas que o pai dela sempre contava a ela quando criança e que hoje ela repassa para seus filhos, uma forma de preservar e dar continuidade ao seu modo de vida.

Entrevista 3: Comunidade Boa Vista

*nome não revelado

A vida as margens dos rios da região amazônica nos surpreende a cada instante, seja por nos depararmos com uma belíssima imagem de uma mulher naturalmente tomando banho em cima de uma tábua no rio ao mesmo tempo em que lava suas louças, seja por observar uma mulher deitada calmamente em sua rede, ao redor com seus três filhos, duas moças e um garoto, vivendo dentro de um barco. O fato me causou muita curiosidade, por se tratar aparentemente de uma situação localmente “normal” para essas pessoas, fui até lá conhecer um pouco mais a vida daquela família.

Por meio de uma conversa informal, fui apresentando-me e informando o que estávamos fazendo na comunidade. Com muita naturalidade deitada em sua rede, foi contando-me o porquê dela e sua família morarem dentro daquele barco. Contou-me que a casa que antes ela e sua família moravam ficava em frente onde o barco estava atracado, disse que é melhor ficar no barco e que já se acostumou a viver dentro dele, é também uma forma de cuidar do barco para não roubarem ou mexerem. Seu esposo estava fazendo uma viagem, afirmando que ele fica muitos dias nessas viagens que faz de barco, em média 15 dias ausente. Pergunto se ela tem medo de ficar sozinha

com os filhos, ela afirma que não, sabe se proteger e proteger aos seus filhos.

Orgulha-se ao falar de sua filha mais velha que faz faculdade em Belém e que sempre nas férias vem visitar a família. Seu desejo é que seus demais filhos também façam uma faculdade e se sigam o exemplo da irmã. Sobre seus medos, afirma seguramente sobre a existência do boto e o quanto ela o teme, principalmente em relação a suas filhas. Relatou vários casos da presença dele entre os seres humanos e pessoas conhecidas, como uma vez que um parente do esposo dela estava em um festejo quando ele e outros companheiros avistaram três “homens” aparentemente estranhos e logo foram de encontro dos mesmos percebendo que se tratavam de botos. Este arremessou seu arpão (de acordo com ela os botos só morrem por meio desse objeto) e conseguiu acertar em um que logo se transformou no animal. Disse ainda que conheceu uma mulher que todas onde todas noites ela “deitava-se” com um boto, referindo-se a ela como uma mulher doente e desfigurada.

Para a mesma o rio é a extensão do seu lar, viver naquele barco é supernormal para aquela mulher de personalidade forte.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo demonstrou que o lugar é dotado de significância afetiva e de significado pelas informantes e que estimula a construção de valores para o indivíduo ou para um grupo de pessoas com o espaço onde vivem, retiram alimento e criam os filhos. Assim, a familiaridade do sujeito no lugar vivido demonstra uma concreta ambientação, articulado por meio de um sistema integrado de ações para a construção do espaço social e simbólico, pois possuem uma identidade de pertencimento e um enraizamento cultural de forma representativa.

Essa ação possui uma representatividade simbólica, pois é no espaço que o homem percebe o mundo, por ser esta a porção do espaço apropriável para a vida, visualizado no cotidiano (o caminhar, as relações de vizinhança, etc.) em que se criam os laços de identidade entre habitante-habitante e habitante-lugar. Assim, os vínculos identitários são construídos a partir da realidade experienciada no seu dia-a-dia.

REFERÊNCIAS

BOLLNOW, O. F. **O Homem e o Espaço**. Tradução Aloisio Leoni Schmid. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

CHRISTOPOLETTI, A. **Perspectivas da Geografia**. 2. ed. São Paulo: DEFEL, 1985.

CLAVAL, P. A Geografia Cultural: O Estado da Arte. In: ROSENDHAL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Manifestações da Cultura no espaço**. Rio de Janeiro: ed. UERJ, 1999.

CORRÊA, R. L. Espaço Um Conceito-Chave da Geografia. In: CASTRO, I. E. de.; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.) **Geografia: Conceitos e Temas**. 5. ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil,

2003, 352 p.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, P. C. da C. **Geografia e Modernidade**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

LOPES, L. G. **Vivência Espacial das Mulheres Ribeirinhas, os Espaços Paradoxais do Distrito de NAZARÉ**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Fundação Universidade Federal de Rondônia, Departamento Geografia, Porto Velho-RO, 2013.

MATOS, M. I.; & BORELLI, A. Espaço Feminino no Mercado Produtivo. In: PINSKY, C. B.; & PEDRO, J. M. (Org.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

PROBST, E. R.; & RAMOS, P. **A Evolução na Mulher no Mercado de Trabalho**. Disponível em: <<http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev02-05.pdf>>. Acesso em: 01 Dez. 2014.

SILVA, J. M. **Um Ensaio Sobre as Potencialidades do Uso do Conceito de Gênero na Análise Geográfica Análise Geográfica**. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/2167/1647>>. Acesso em: 02 Dez. 2014.

SIOLI, H. **Amazônia Fundamentos da Ecologia da Maior Região de Florestas Tropicais**. Ed. Vozes Ltda, Rio de Janeiro, 1985.

SOUZA, C. G.; SOUZA, T. A.; SANTOS, F. S.; MENEZES, M. V. **As Principais Correntes do Pensamento Geográfico: Uma Breve Discussão da Categoria de Análise de Lugar**. Centro Científico Conhecer, Goiânia, Enciclopédia Biosfera N.07, 2009, ISSN 1809-058351.

VERGARA, S. C. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-80-2

